



## AS (ARQUITETAS) MULHERES QUE FIZERAM A CAPITAL: seus projetos, suas vidas

### História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Brasil

Maribel Aliaga Fuentes

Doutora em Arquitetura e Urbanismo  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília  
arqmarialiaga@gmail.com

Carolina Pescatori

Doutora em Arquitetura e Urbanismo  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília  
pescatori@gmail.com

Luiza Dias Coelho

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília  
lu.dias.coelho@gmail.com

#### Resumo:

Em Brasília há muitas Brasília e nem todas cabem em no quadrado. As narrativas e histórias sobre a capital costumam enaltecer a empreitada da construção de uma cidade em cinco anos, como sonhava Juscelino Kubitschek, sua arquitetura, seus palácios. E como cidade inventada que é que só nasceu pelo traço do arquiteto, foi através do Concurso para o Plano Piloto de 1957 que o desenho se tornou realidade. E, apesar da baixa representatividade, sim, havia mulheres projetando em um dos principais concursos de arquitetura e urbanismo da história brasileira. Ainda que a realidade do cerrado fosse tão dura, muitas mulheres vieram para a Capital com suas famílias, outras desbravadoras, se aventuraram no pó vermelho do cerrado e vieram trabalhar e estudar na criação da Universidade de Brasília. Entre os registros da passagem feminina pela universidade, temos também os relatos orais, as listas de filiação do IAB e as listas dos encontros comemorativos, os quais indicam que em torno de 30 arquitetas estiveram pela capital nos anos de 1960/70, o período de maior impulso na construção local. Mas, não só de arquitetas se construiu a cidade, e a participação feminina acompanhou a saga e a violência da capital em construção.

**Palavras-chave:** Mulheres, Arquitetas, Brasília.

#### Abstract:

*In Brasilia, there are many Brasília and not all they fit in the square. The narratives and stories about the capital usually extol the work of building a city in five years, as Juscelino*

13º Seminário

do\_co|mo|mo\_  
brasil

Salvador – BA  
7 a 10 de outubro de 2019



*Kubitschek dreamed, its architecture, its palaces. As an invented city that is, born only by the trait of the architect, that made it possible through the 1957 Pilot Plan Contest that the drawing became a reality. Despite the low representation, there were women projecting in one of the main competitions of architecture and urbanism of Brazilian history. Although the reality of the cerrado was so hard, many women came to the capital with their families, other pioneers, ventured into the red powder of the cerrado and came to work and study in the recently created the University of Brasilia. Among the registers of the women's passage through the university, we also have the oral stories, the IAB membership lists and the lists of commemorative meetings, which indicate that around 30 architects were in the capital in the 1960s and 1970s, the period of a major boost in the local construction. But not only the city was built by architects, but women's participation follows the saga and violence of the capital under construction.*

**Keywords:** Women, Female Architects, Brasília.

## Candangas: as invisíveis

Muitas mulheres morreram, mortas por ciúmes. Uma vez, o homem também gostava. O outro também gostava. porque a mulher era bonita. A mulher não queria um, queria outro. Elas também matavam. Mulher matou muito homem lá, muito homem matou mulher, muitas mulheres bonitas, morreram assim de tiro. (Depoimento de Ione Rodrigues(FONTANELE, [s.d.]

As mulheres que fizeram a capital foram de três tipos: *a invisível, a tangencial e a insurgente*. Todas elas chegaram à capital pela mão dos seus pais ou maridos. As primeiras bravas e valentes candangas lutaram lado a lado com seus homens pela construção da cidade, porém são quase ausentes na literatura e representação. As segundas, são ainda mais difíceis de encontrar, pairavam pelo processo teórico da discussão do projeto da nova capital. Porém, quando existiam, tinham seus primeiros nomes omitidos. As terceiras, as insurgentes, são aquelas que se moldam na capital e por consequência respiram liberdade. São estimuladas e incentivadas a procurar seu próprio caminho.

Assim como as personagens, em Brasília há muitas Brasília e nem todas cabem em no quadrado. As narrativas e histórias sobre a capital costumam enaltecer a empreitada da construção de uma cidade em cinco anos, como sonhava Juscelino Kubitschek, sua arquitetura, seus palácios. E como cidade inventada que é, que só nasceu pelo traço do arquiteto, foi através do Concurso para o Plano Piloto de 1957 que o desenho se tornou realidade. Mas se a cidade é muitas, qual o papel da mulher nesta cidade?

Durante a fase inicial de construção da cidade, a capital era um lugar nada aprazível às mulheres em geral. Num território onde a proporção do número de mulheres era de 179 para cada grupo de 1000 homens, o assédio sexual era intenso e os casos de estupro frequentes. Por isso, empreiteiras como a oficial NOVACAP, mantinham separados com



arame farpado, os alojamentos dos solteiros, identificados com a sigla AFS, que significava Alojamento para Funcionários Solteiros (BEÚ, 2006). Tanto solteiros quanto os casados desacompanhados, ao migrarem para Brasília, eram obrigados a romper os vínculos familiares, hábitos, costumes, cultura e o próprio meio ambiente físico de origem, ou seja, sua terra natal. (BEÚ, 2007, p. 82).

Este fato levava a população trabalhadora masculina da 'licenciosa Brasília' a pressionar ao limite a população feminina que se via, por conseguinte, impedida de realizar uma série de atividades que em outros contextos sociais poderia desempenhar, uma vez que sair na rua poderia representar um perigo (RIBEIRO, 2008, p.109). Denise Vieira (2017), em sua dissertação de mestrado "Corpo feminino e modernidade na construção Brasília: uma leitura a partir do cinema", interpreta com muita clareza esse momento histórico e as representações sociais da mulher, que ou era uma virtuosa pioneira a acompanhar seu marido, ou era uma prostituta:

(...) percebemos dois estereótipos de mulheres muito bem delineados: o da mulher pioneira, que acompanha o marido (também pioneiro), e que porventura passa a integrar a sociedade brasiliense e a gerar os seus progenitores; o outro, o da prostituta, figura obscura, marginalizada, porém necessária ao fiel andamento das obras (VIEIRA, 2017, p. 19).

Apesar da sugestão feliz de cidade, a época da construção foi de uma grande violência e truculência policial, que tentava "controlar uma situação onde milhares de homens adultos estavam praticamente impedidos de terem relacionamentos, como namoros e relações sexuais, com mulheres que não fossem prostitutas." (RIBEIRO, 2008, p. 109). As investidas policiais também tinham o objetivo de conter o crescimento da zona de meretrício, para tanto, utilizavam métodos questionáveis, certa vez, "as prostitutas foram arrancadas à força dos cabarés, algumas ainda nos braços dos parceiros, jogadas em cima da carroceria de um caminhão e soltas no meio do mato. Passaram a noite inteira no ermo, seminuas, tremendo de frio" (BÉU, 2012, p. 165).

Após tanta repressão, "as borboletas", como as moças eram conhecidas, voaram para as cidades do entorno e se espalharam por todo o Distrito Federal (DF), juntamente com a maior parte da população da cidade. Desde os anos 1950 já era conhecido que falar em Brasília "não apenas implicava reconhecer a existência de outras formas de ocupação urbana no território do DF como também constatar que a população vivendo no entorno candango sempre foi maior que a do Plano Piloto." (SCHLEE, 2014, p. 23). Essa importante inversão foi problematizada por Lúcio Costa, que defendia que as cidades satélites não deveriam em caso algum tornarem-se cidades dormitórios, "mas representar um meio de controle da expansão urbana" (VIDAL, 2009, p. 224). Eram uma solução pensada como estratégia para suprir demandas posteriores à completa ocupação do primeiro núcleo, ou seja, apenas quando este atingisse o limite de 500.000 habitantes – o que até os dias atuais não aconteceu. A primeira cidade-satélite, Taguatinga, foi construída, à revelia do projeto de Costa, em 1958, antes mesmo da inauguração da cidade.

Em depoimento do Arquivo Público do DF, a arquiteta da Novacap Maria Elisa Costa, filha de Lucio Costa, afirma que a decisão de antecipar as cidades satélites para acomodar a população migrante pobre de Brasília se deu a partir de uma leitura pragmática das



dinâmicas de valorização imobiliária das áreas centrais, reconhecendo que a fixação dos acampamentos e “invasões” seria uma solução momentânea, cuja população seria inevitavelmente expulsa ao longo do tempo:

(...) Então quando Brasília foi crescendo, foi enchendo a roupa. Quer dizer, depois da primeira geração. Aí, de repente, você ainda tem um buraco no meio, você tem um monte de quadra vazia lá na Asa Norte, você ainda tem o centro que ainda tá oco. Quer dizer, você ainda não tá completo, a população da chamada zona sul ainda não chegou ao limite previsto. **No que ultrapassou, evidentemente, foi a população de 70%, brasileiros, de gente que tem que morar fora, porque se você botar dentro, o poder econômico expulsa, expulsa numa boa.** [grifo nosso]. Pode estar certo que, por exemplo, se a Vila Planalto ficou é porque ela é escondidinha. Suponha você que na época tivesse havido uma postura da parte do Juscelino, do Israel, de fixar os acampamentos originais. Você tem alguma dúvida de que eles hoje seriam Lago Sul e as pessoas estavam morando na Ceilândia do mesmo jeito? É óbvio! óbvio! Porque a tragédia do Brasil é sempre quando você faz uma coisa melhor, popular, vinha um cara com a grana, dizia: “Ó, meu amigo, vende aqui”; E o cara vende porque ele não tem dinheiro, então, pra ele é mais negócio vender e morar mais longe. Isso que é um drama. Você fica numa situação complicada. É difícil você lidar, porque existe essa coisa... e aí você teria tido, quer dizer, se eles não tivessem movido e criado as cidades-satélites logo, o que ia ter? Você teria comprometido o plano e ia ter um Lago Sul. Não estava beneficiando não. Sabe, ele teve a coragem de fazer as coisas de acordo com a realidade, em última análise (COSTA, 1991, p.15).

No entanto, a construção de Taguatinga em uma área distante 25 km do centro do Plano Piloto, com precárias conexões e carência de transporte, pode ser efetivamente compreendida como uma *periferização planejada*, conforme Aldo Paviani (2010, p.85). As distâncias e o isolamento das cidades satélites iniciais tiveram altos custos sociais, como a geração de uma organização espacial dispersa, estendida para além das ocupações internas ao DF. Organização que onerava (e ainda onera) sobremaneira os moradores das novas periferias, mas especialmente as mulheres, considerando seus papéis sociais sedimentados na sociedade brasileira da década de 1960. Majoritariamente responsável pelos cuidados da casa e dos filhos, os longos deslocamentos casa-trabalho lhe impõe duplas jornadas violentas, questão de gênero ainda pouco discutida.

Reconhecer os lugares sociais da mulher na construção da cidade implica em um difícil exercício historiográfico, pois deve ser reconstituído a partir de vestígios, muitas vezes construído sobre ou em relação aos relatos masculinos, aqueles que tiveram seus registros orais divulgados. Como afirma Vieira, trata-se de uma reconstrução realizada a partir da “narrativa da falta”:

A questão da presença feminina durante a construção de Brasília é citada de maneira *en passant* em trabalhos que tratam do ambiente da construção, e com enfoque semelhante ao dado por Ribeiro (2008): a narrativa da falta (VIEIRA, 2017, p.20).



Figura 1: Cantina - Pequenos locais para o comércio de alimentos surgiram no canteiro de obras da Esplanada dos Ministérios. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

## A Nova Capital e suas autoras: as tangencias

Em 30 de setembro de 1956 era publicado no Diário Oficial o Concurso para o Plano Piloto da Nova Capital, o Edital do concurso dizia que poderiam participar “pessoa físicas ou jurídicas domiciliadas no país, regularmente habilitadas para o exercício da engenharia, da arquitetura e do urbanismo (IPHAN 2014, 21), não sendo feita distinção alguma, muito menos de gênero. Ao final das inscrições das profissionais tínhamos um universo de mais de 60 arquitetos e urbanistas habilitados a participar do certame. Entre tantos possíveis nomes, podemos verificar o nome de uma única mulher inscrita como líder de equipe: Sônia Marlene de Paiva. (Revista Brasília, 1957). Todavia, como ela não faz parte das equipes selecionadas, seu projeto não é acessível.

A comissão julgadora do concurso era composta por Sir William Halford, professor de urbanismo em Londres, André Sive, urbanista francês, Stamo Papadaki, arquiteto e professor nos Estados Unidos, Paulo Antunes Ribeiro, arquiteto representante do Instituto dos Arquitetos do Brasil – IAB, e Hildebrando Horta Barbosa, engenheiro representante do Clube de Engenharia, além de Oscar Niemeyer, chefe do Departamento de Urbanismo e

13º Seminário

do\_co,mo,mo\_  
brasil

Salvador – BA  
7 a 10 de outubro de 2019



Arquitetura da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP). Dentre os 22 projetos submetidos, a comissão julgadora selecionou quatro, por atenderem os requisitos funcionais e a síntese arquitetural esperada para a Nova Capital.

Os quatro projetos selecionados foram o nº 2 de Boruch Milmann, João Henrique Rocha e Ney Fontes Gonçalves; o nº 8 de M.M.M. Roberto; nº 17 de Rino Levi, Roberto Cerqueira César e L. R. Carvalho Franco; e o nº 22 de Lúcio Costa. No final do processo o júri escolheu como primeiro lugar a proposta nº 22 de Lúcio Costa, dando a segundo lugar para o projeto nº 2 – Boruch Milmann e equipe, terceiro lugar para o nº 17 – Rino Levi e equipe, quarto lugar para nº 8 – M.M.M. Robeto. A comissão julgadora prospos a conceção do quinto lugar os projetos nº 24 – de Henrique E. Mindlin e Giancarlo Palanti, nº 26º - de Construtécnica S.A. e o nº 1 – de Carlos Cascaldi, João Villanova Artigas, Mário Wagner Vieira e Paulo Camargo e Almeida. (Revista Brasilia, 1957)

A única equipe liderada por uma mulher ficou fora dos projetos premiados, mas havia outras mulheres contribuindo em equipes do concurso, além da arquiteta Sonia Marlene de Paiva. Ao analisar mais atentamente os nomes que compunham as sete equipes premiadas pelo júri é identificada a presença de sete colaboradoras dentre o total de 70 profissionais. (BRAGA; KON; WISNIK, 2010). Dessas mulheres Maria José Garica Werebe era conselheira de educação e ensino do projeto nº 1, Wanda de Barros Brisolla era desenhista do projeto nº 26, Anny Sirakoff e Olga Verioyry arquitetas e urbanistas colaboradoras no projeto nº 2, Cerise Baeta Pinheiro colaborado no projeto nº 11 e, Ellida Engert, arquiteta e coautora de projeto, e Estephania Paixão, desenhista colaboradora, no projeto nº 8.

A baixa participação feminina tanto entre os líderes de equipe quanto na composição das equipes vencedoras, tem como uma das causas o pequeno número de arquiteta e urbanistas habilitadas no país durante o período do concurso, “o primeiro registro feminino no livro do IAB [nacional] é de 1948, sendo que em 1959 as mulheres representavam 2% das inscritas do CREA-RJ” (SÁ 2010, 76).

Apesar da baixa representatividade, sim, havia mulheres projetando em um dos principais concursos de arquitetura e urbanismo da história brasileira. Ao pesquisar um pouco mais sobre a trajetória dessas mulheres, são poucas as informações, e quando as há, estão sempre atreladas a parceiros masculinos. Algo que fica evidente quando falamos de Sonia Marlene de Paiva e Ellida Engert, que é descrita por Machado como braço direito dos irmãos Roberto. No entanto, as informações sobre ela não vão mais adiante, e numa primeira pesquisa não foi possível achar mais nenhuma informação sobre o seu trabalho no escritório ou fora dele além do que já foi apresentado.

Em relação a Sonia Marlene de Paiva, é possível rastrear parte da sua trajetória a partir da sua formação na Faculdade Nacional de Arquitetura em 1954. A sua participação no concurso de Brasília, até a fundação de seu escritório de projetos com o marido Harry James Cole, quando Sonia passa a adotar o sobre nome do marido. As funções do escritório HJ Cole + associados eram divididas entre Harry James e Sonia, que era responsável pela parte administrativa, coordenação dos colaboradores. Em entrevista feita por Lucchese, Sonia de Paiva Cole disse que em seu auge a empresa chegou a ter mais de 200 funcionários, com filial em São Paulo, Belém, Macapá e Blumenau.



Vera Lúcia Gervázio Neves (2006), que trabalhou durante vários anos no escritório, lembrou que aquele era um escritório em que todos os estudantes interessados em planejamento urbano tentavam estagiar. Foi dessa forma, como estagiária, que ela entrou no escritório. No final dos anos 1970 havia entre quinze a vinte arquitetos fixos, além de outros profissionais, como economista, geógrafo, cartógrafo e jornalista. (LUCCHESI, 2014)

Apesar das poucas mulheres habilitadas a participar do concurso da nova capital e da pouca representatividade em equipes, havia as arquitetas e desenhistas envolvidas diretamente no processo de construção de Brasília após o resultado do concurso. Em sua maioria, essas mulheres estavam vinculadas ao Departamento de Urbanismo e Arquitetura da NOVACAP, trabalhando nos projetos para a capital desde o Rio de Janeiro. Apesar da maioria delas estarem limitadas a função de desenhista, destacam-se nomes como o de Anna Maria de Niemeyer Soares e Maria Elisa Modesto Guimarães Costa - as duas filhas, de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, respectivamente.

Anna Maria Niemeyer começou a trabalhar com o seu pai aos 16 anos, sendo responsável pelo interior de vários dos projetos de Niemeyer. Em Brasília, foi responsável por todo o projeto de arquitetura de interior do Palácio da Alvorada, Congresso Nacional, Palácio do Planalto e Supremo Tribunal. Trabalhou no GDF com o cargo de técnica de decoração, o mesmo cargo que Athos Bulcão ocupava. Anna Maria exercia funções desde desenhista de mobiliário à escolha de talheres. O projeto de decoração do Palácio da Alvorada foi um de seus projetos como maior destaque, sendo um dos dois projetos com autoria feminina a aparecerem na Revista Brasília, edição Especial Arquitetura e Engenharia de 1960.

(...)E no Palácio da Alvorada, realmente, eu escolhi absolutamente tudo, inclusive roupa de cama, talheres, louça, toalhas de mesa, eram toalhas enormes, tinha que mandar fazer. E eu cuidei pessoalmente disso tudo; nos outros menos, porque o Palácio da Alvorada era uma casa, precisava dessas coisas. Nos outros não, só a parte de mobiliário, cortinas, tapetes (...)Quando o Jânio assumiu, eles me chamaram uma vez no palácio, e me pediram pra fazer um levantamento do que eu tinha colocado, do que existia ainda e ele queria que colocasse exatamente como era antes. Mas não houve tempo, porque enquanto eu preparei esse trabalho, ele renunciou. (SOARES, 1998, p.4-5)

Anna Maria Niemeyer viveu em Brasília por 13 anos, de 1960 a 1973, devido a perda de finalidade e atividades na capital. Ao voltar para o Rio de Janeiro, Anna Maria, abriu uma galeria de arte com o seu nome, atuando como galerista e marchand. Ela voltou algumas vezes para Brasília a trabalho para realizar projetos de interior em obras de seu pai por solicitações de proprietários, vários desses deputados.

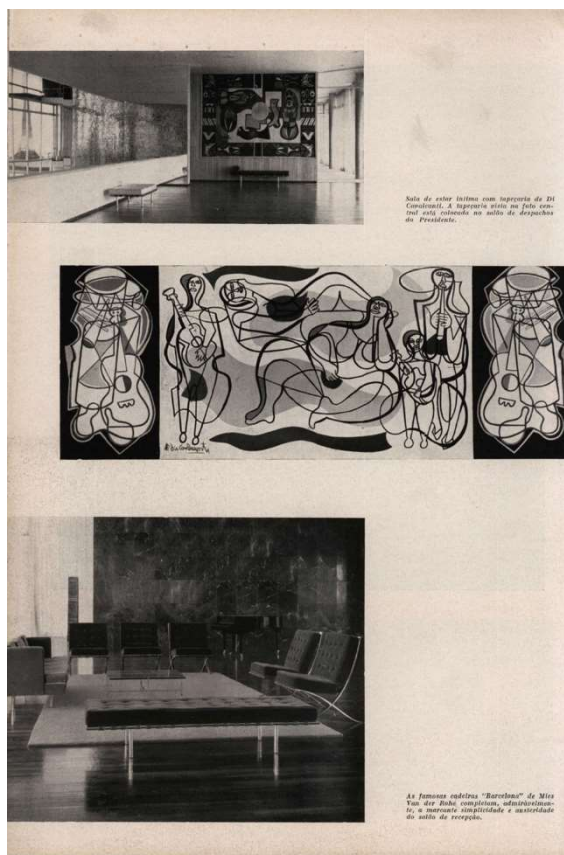


Figura 2: Projeto de Interior de Anna Maria Niemeyer.

Fonte: Revista Brasília – Arquitetura e Engenharia – Edição Especial – Julho e Agosto de 1960, p.60

Maria Elisa Modesto Guimarães Costa começou a trabalhar como arquiteta na NOVACAP em 1959, logo após a sua graduação. E, ainda no Rio de Janeiro, Maria Elisa trabalha no desenvolvimento dos projetos para a construção de Brasília, desde projeto de calçadas das quadras 700 até adequações e adaptações de projetos como a plataforma da Rodoviária. Em 1961 a arquiteta projetou o Edifício Sede da Panair em Brasília em conjunto com Elias Kaufman, publicado na Revista Acrópole nº 268, de 1961, sendo o único projeto em Brasília de autoria feminina publicada nos 17 anos de existência da revista. Em 1964, Costa se licencia da NOVACAP e viaja pela Europa, quando volta ao Brasil tem a oportunidade de é convidada a seguir como funcionária pública na área de patrimônio. Porém, é aconselhada pelo pai a seguir carreira como autônoma, Maria Elisa passa a realizar trabalhos diversos de arquitetura, incluindo cenografia.

É necessário destacar duas práticas que dificultam a identificação da participação feminina na arquitetura brasileira, que por vez é reduzida somente a escassez de mulheres da profissão. A primeira delas é a atribuição dos mobiliários de autoria de Anna Maria Niemeyer ao seu pai, pois o que consta nas pranchas de mobiliário desenvolvidas por Anna Maria, é o sobrenome Niemeyer. A segunda prática, já identificada por Lima em revistas de arquitetura, é a abreviação dos primeiros nomes de autores em publicações de projetos. Esta prática foi identificada na publicação do projeto do Centro Paroquial Santa Rita de Cássia, com autoria



atribuída a H. J. Cole, arquiteto, S. M. de Paiva Cole, Ivo Bonardi, J. M. Alvasig, colaboradores. S. M. de Paiva Cole se refere a arquiteta e urbanista Sonia Marlene de Paiva Cole, esposa e sócia de Harry James Cole.

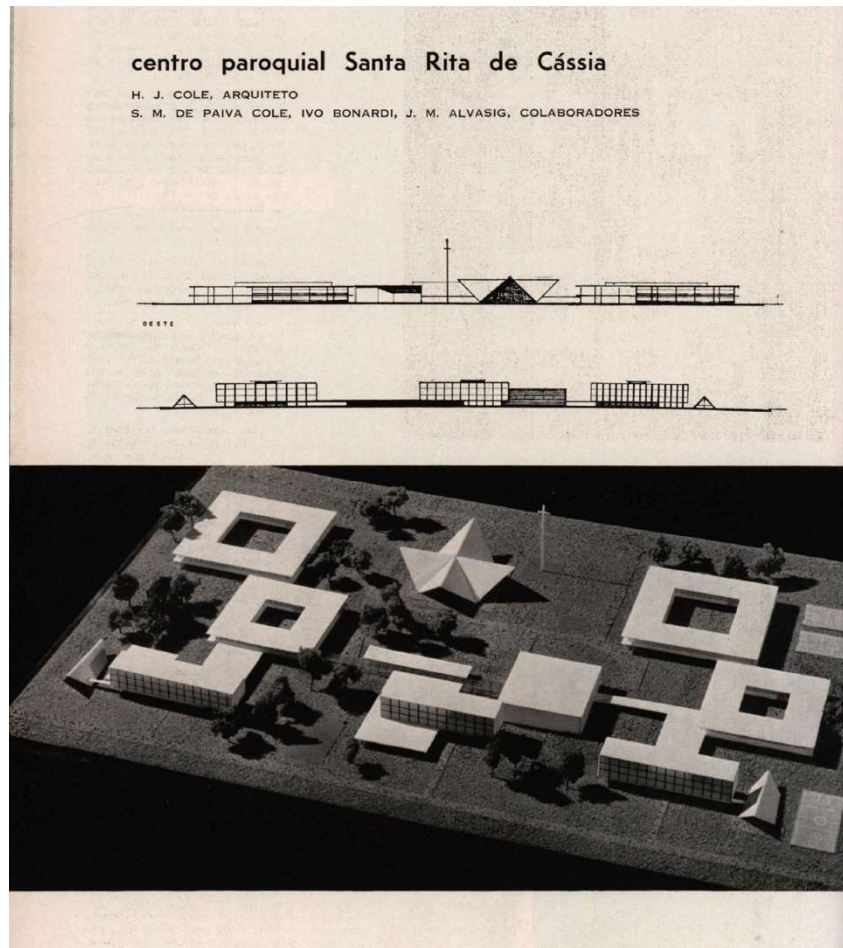


Figura 3: Projeto Centro Paroquial Santa Rita de Cássia.  
Fonte: Revista Brasília – Arquitetura e Engenharia – Edição Especial – Julho e Agosto de 1960, p.122

## A Bauhaus do Cerrado e suas mulheres: as insurgentes

Ainda que a realidade do cerrado fosse tão dura, muitas mulheres vieram para a Capital com suas famílias, outras desbravadoras, se aventuraram no pó vermelho do cerrado e vieram trabalhar e estudar na criação da Universidade de Brasília. Entre os registros da passagem feminina pela universidade, temos também os relatos orais, as listas de filiação do IAB e as listas dos encontros comemorativos, os quais indicam que em torno de 30



arquitetas estiveram pela capital nos anos de 1960/70, o período de maior impulso na construção local.

As atividades da Universidade iniciaram com três cursos tronco: Arquitetura e Urbanismo e nos primeiros dois anos do curso, os alunos estudavam no Instituto Central de Artes (ICA); Letras Brasileiras, que geraria o Instituto Central de Letras (ICL); Direito, Administração e Economia- que geraria o Instituto Central de Ciências Humanas (ICH). O primeiro coordenador do ICA, o arquiteto Alcides da Rocha Miranda, assim o define:

Pensei num Instituto Central de Arte – não usando a palavra “arte” como e aplicada comumente, sobretudo depois da criação das Escolas de Belas Artes – mas voltando seu significado antigo, isto é, arte como aquilo que faz bem e, por isso mesmo, emociona. Walter Gropius dizia: O bom planejamento é tanto uma Ciência como uma Arte. Como Ciência, analisa as relações; como arte levam as atividades culturais a uma síntese cultural. Ai já estava, portanto, a ideia de nosso ICA. (NOBRE, 1999, p. 147)

Na sua primeira organização<sup>1</sup> o ICA-FAU também se assemelhava à Bauhaus no que tange ao espaço que as arquitetas ocupavam. O curso tronco tinha como professoras, artistas e historiadoras importantes, como por exemplo, Amélia Toledo no desenvolvimento da percepção visual e Myriam Cunha no desenho a mão livre. Nas oficinas temos Esther Joffily na gravura, e na introdução à história da arte Lygia Martins Costa. Mas o ateliê de projetos e o CEPLAN (Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanístico) eram espaços masculinos. Não podemos esquecer que neste momento as mulheres arquitetas no Brasil, representavam um percentual ínfimo dos profissionais habilitados.

Entre as professoras e instrutoras do ICA, a exceção da regra que se tem conhecimento, foi Mayumi Watanabe Souza Lima, que exerceu a atividade de instrutora como corresponsável nos cursos de Física Aplicada às Construções FAC - 1º semestre de 1963; pelo do curso de Técnica de Edificação I e II, 1º e 2º semestre de 1964 e pelo curso de Iluminação e Instalação Elétrica, 1º semestre de 1965. Além de cumprir estágio docente, Teoria da Arquitetura - TA II - 2º semestre de 1963.

Mayumi nasceu na cidade de Tóquio - Japão, e se tornou brasileira em 1956. No mesmo ano ingressa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, concluindo seu curso em 1960. Ela vem para Brasília no início dos anos 1960, com Sérgio Souza Lima seu sócio e marido, viver o sonho coletivo de criar uma nova Universidade e aqui além de exercer seu papel de instrutora, desenvolve uma dissertação de mestrado, com o título de **Aspectos da habitação urbana**, onde enfrentou o desafio de transformar uma discussão teórica e crítica em relação à construção da cidade, que estava acontecendo, em uma proposição projetual.

Meu pai foi um pioneiro da cidade, da construção de Brasília com Israel Pinheiro. E eu, quando era estudante ainda, vim a Brasília duas vezes e vi o que o pessoal estava fazendo em Brasília. Soube que ia haver um curso de pós-graduação, então quando eu terminei, vim e fui conversar com o Graeff, me apresentei e falei do meu interesse. Não teve o menor problema e eu

<sup>1</sup> SECRETARIA DO CURSO-TRONCO DE ARQUITETURA E URBANISMO. , 1962. Documento mimeografado.



comecei. Nós éramos num grupo muito pequeno, acho que nós éramos provavelmente, 10 ou 12 pessoas. (“Philomena Miller”, 2015)

Philomena Chagas Ferreira se formou pela Escola de Arquitetura de Minas Gerais em 1962, e logo em seguida veio a Brasília. Como mestranda desenvolveu sua pesquisa: **Alguns dados sobre o clima para a edificação em Brasília**, que teve orientação dupla, quanto às questões de clima, recebeu contribuições do professor Eustáquio de Toledo e como orientador geral de dissertação o arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé. Seu trabalho resultou ser a primeira proposta de levantamento climático da cidade e sua aplicação nas construções de Brasília. Ainda hoje é referencia para os estudos de bioclimáticos do Cerrado. Depois da demissão, ela foi para o Rio de Janeiro e trabalhou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM). Logo em seguida, embarcou para a França e chegou a tempo de participar das manifestações de maio de 1968. Também pode contribuir com as reformas educacionais provocadas pelo movimento. Ainda hoje é professora em Estrasburgo.

Outra arquiteta e mestranda destes primeiros tempos foi Márcia Aguiar Nogueira Batista nasceu em 1939, no Rio de Janeiro, estudou na FNA e se formou em 1962. Como estudante no Rio de Janeiro, trabalhou no escritório dos irmãos M.M.Roberto. Vem para Brasília recém-formada com seu então marido Geraldo Nogueira Batista. No CEPLAN, juntou-se à equipe de Glauco Campello que orientou sua dissertação, **Escolas Primárias**. Sua pesquisa concentra o olhar no Plano Educacional de Anísio Teixeira. Márcia também embasa seu projeto nos estudos das propostas pedagógicas, é possível perceber a importância dada às novas pedagogias de ensino infantil e à inserção urbana do seu projeto. No início da carreira ela continuou em Brasília e trabalhou com Jayme Zettel na NOVACAP, como ele mesmo me contou na palestra que proferiu na FAUUnB. Apesar dos seus estudos em arquitetura escolar, nos anos de 1970 trabalhou no Departamento de Parques e Jardins de Brasília, onde participou do desenvolvimento do projeto de paisagismo do Zoológico de Brasília. Nos anos 80 dirigiu a Superintendência de Parques e Jardins de Salvador. Lecionou na Universidade Santa Úrsula. Foi coordenadora do Núcleo Rio da ABAP.

Várias circunstâncias contribuíram para ajudar o desenvolvimento da poesia lírica em Lesbos. Os costumes dos eólios permitiam maior liberdade social e doméstica do que o usual na Grécia. As mulheres eólias não ficavam confinadas ao harém como as jônias, nem submetidas à disciplina rigorosa dos espartanos. Misturando-se livremente com a sociedade masculina, eram altamente educadas e acostumadas a expressar seus sentimentos a um grau desconhecido em qualquer outro momento da história – e na verdade até hoje. (WOOLF, 2016, p. 47)

Philomena e Mayumi foram um bom exemplo de liberdade social e doméstica, sorteadas para participar de delegação da UnB que iria no “Encontro Internacional de Professores e Estudantes” e no ‘VII Congresso da União Internacional de Arquitetos de Havana’<sup>2</sup>, que aconteceu na capital cubana em 1963. Partiram em direção a Santos, onde embarcaram em um navio Russo que foi disponibilizado para a delegação brasileira. Entre muitas histórias, trouxeram na mala material importante sobre pré-fabricação para o trabalho de Luiz

<sup>2</sup> Para saber mais sobre a viagem da delegação brasileira, recomenda-se a leitura de DORFMAN, C. **Havana 63**. Porto Alegre: Movimento, 2013.



Henrique Gomes Pessina, que conta a Mayumi e a Philomena foram, assim como alguns alunos de graduação. “Mas, eu não fui, nem o Fernando Burmeister, Graeff não deixou que nós fôssemos, dizendo – ‘você são mais velhos, vão ficar aqui, vão dar exemplo’”. (“Luiz Henrique Gomes Pessina”, 2015).



Figura 4: Philomena descansando no Ceplan - 1965.  
Fonte: Foto cedida por Philomena Miller

Certamente Brasília não era a Grécia, e os candangos no início da capital, como pudemos ver anteriormente, estavam mais para Espartanos do que para Eólios. Entretanto, havia um espaço claro de criação e criatividade. A cidade, ainda em formação, tinha que inventar suas próprias tradições culturais. E os jovens da Universidade, aproveitavam a proximidade do início em transformar a cultura da cidade a partir dela. “O departamento de música todo sábado fazia concertos. A vida cultural da cidade era praticamente inexistente. A universidade acabava concentrando tudo.” (“Geraldo Nogueira Batista”, 2014)

Apesar de todo esse ambiente de liberdade, propício para a inclusão das diferenças, foram pouquíssimas as mulheres que passaram pelas primeiras turmas do curso de graduação, entre elas temos os seguintes nomes: Eliana Tereza Horta Barbosa, Elza Kunze Bastos,



Maria Yamassaki, Mauria Cabrera Moron, Tania Gavião Batella. Todas elas aparecem nas fichas de filiação do IAB no ano de 1966, com as seguintes informações:

Nome	Matricula e Ano de ingresso		Semestre	Natural	Nascimento	Est. Civil	Endere
Eliana Tereza Horta Barbosa	120	1964	5º	Paraná	13/10/1945	solteira	W3 , Q
ElzaKunze Bastos	79	1962	9º	Mato Grosso	24/12/1940	solteira	W3 Q30
Maria Yamassaki	67	1965	3º	Tupã - SP	27/06/1943	solteira	Colina-

Tabela 1: Fichas de filiação IAB – 1966.  
Fonte: CEDOC

Destas nos primeiros levantamentos, descobrimos que Mauria foi arquiteta na Administração Regional de Planaltina e Maria Yamassaki exerceu atividades junto à prefeitura de Belo Horizonte, nos anos 2000.

Em 1957, nós estávamos no norte do Paraná. Tivemos duas geadas seguidas. E eles plantavam, eram plantadores de café. Com a crise total, estavam comentando sobre Brasília. Então, nós viemos pra Brasília em 1957. Eu fiquei estudando em Goiânia. E aí, em 1962, disseram que ia ter o vestibular, ia abrir o vestibular em Brasília. E eram quatro opções: Economia, Advocacia, Educação e Arquitetura. Como eu já estava em Brasília, tinha assim o interesse em saber como é que se construiu uma cidade. Porque a gente via a cidade sendo construída igual a toda gente. A gente vinha no final de semana, ia ver o plano piloto, o tal do plano piloto. A gente acompanhava a construção. Principalmente a parte de solda. À noite era lindo, a gente ver a solda. (KUNZE. Entrevista, 2015).

Elza Kunze aproveitou seu tempo de estudante para estagiar no CEPLAN com o arquiteto Lelé. Como estagiária do Centro ela fez parte da equipe que detalhava o ICC - Instituto Central de Artes, o Minhocão, Elza participava com a equipe nas definições de como é que se faziam os pré-moldados e seus encaixes.

Na sua trajetória profissional, Elza trabalhou com Ana Maria Niemeyer e também no GDF. Na coordenação de Arquitetura e Urbanismo - COAU. E, em seguida trabalhou na CAESB como desenhista, onde permaneceu por 3 anos como arquiteta, no setor de aprovação de projetos. Por último, foi trabalhar no Ministério do Interior, como arquiteta. Além da sua trajetória profissional, Elza Kunze teve uma atuação longa e importante na direção do Sindicato dos Arquitetos do Distrito Federal.



Figura 5: Primeira turma.  
Fonte: foto cedida por Elza Kunze.

As trajetórias e as vidas das mulheres de Brasília ainda precisam ser melhor escritas, é importante reconhecer o papel de cada uma delas. E o mais importante é entender o lugar que cada um ocupa na sociedade. Se fossemos traçar uma cronologia (BLAY; AVELAR, 2017) histórica do feminismo contando a vida delas, perceberíamos que várias nasceram nos anos 1930, e portanto, tiveram direito a voto. Sabemos que os anos de 1960 foram os anos formação das insurgentes, enquanto as nossas candangas invisíveis eram as personagens de Carolina Maria de Jesus que publica no mesmo ano o livro **Quarto de despejo**, que relata o cotidiano das mulheres pobres residentes numa das primeiras favelas de São Paulo. Boa parte delas era casada e segundo a LEI Nº 4.121, DE 27 DE AGOSTO DE 1962 – que dispunha sobre a situação jurídica da mulher casada: no seu Art. 240: “A mulher assume, com o casamento, os apelidos do marido e a condição de sua companheira, consorte e colaboradora dos encargos da família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta”. Ou seja, em 1960, a condição feminina, ora estava atrelada a um homem, ora era vítima de opressão.



## Referências Bibliográficas

BÉU, E. **Expresso Brasília: a história contada pelos candangos**. Brasília, DF: Editora UnB, Universidade de Brasília, 2012.

BLAY, E. A.; AVELAR, L. (EDS.). **50 anos de feminismo: Argentina, Brasil, Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos**. São Paulo, SP, Brasil: FAPESP : Edusp, 2017.

BRAGA, M.; KON, N.; WISNIK, G. **O concurso de Brasília: sete projetos para uma capital**. São Paulo, SP, Brasil: Cosac Naify : Imprensa Oficial : Museu da Casa Brasileira, 2010.

FONTANELE, T. (ED.). In: **Ser mulher na construção de Brasília**. [s.l.: s.n.].

**Geraldo Nogueira Batista**. , jun. 2014.

LUCCHESI, M. C. Dossiê Urbanistas e urbanismo: a cidade como objeto de intervenção. **HJ Cole + associados - planejamento e empreendimentos (1970-1980)**, v. 5, p. 201–226, 2014.

**Luiz Henrique Gomes Pessina**. , abr. 2015.

NOBRE, A. L. Alcides Rocha Miranda, educador. **Revista Caramelo**, v. 10, p. 128–137, 1999.

**Philomena Miller**. , mar. 2015.

RIBEIRO, G. L. **O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília**. Brasília: Ed. UnB, 2008.

SCHLEE, A. R. **Narrativas históricas e culturais de Brasília**. Brasília, DF: Editora UnB, 2014.

SOARES, A. M. DE N. **Depoimento - Programa de História Oral**, 1998.

VIDAL, L. **De Nova Lisboa à Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)**. Tradução Florence Marie Dravet. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

WOOLF, V. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução Denise Guimarães Bottmann. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.

Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital. **Revista Brasília**, n. 1, p. 8–11, 1957.

Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital: Concurso para o Plano Piloto. **Revista Brasília**, n. 3, p. 6–8, 1957.

Centro Paroquial Santa Rita de Cássia. **Revista Brasília**, n. Arquitetura e Engenharia, p. 122–123, 1960.

Edifício Sede da PANAIR em Brasília. **Acrópole**, n. 268, p. 150–151, 1961.

Palácio Alvorada. **Revista Brasília**, n. **Arquitetura e Engenharia**, p. 54–62, 1960.